



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17012 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 10 - Ensino Fundamental

**MAL-ESTAR DOCENTE: A RACIONALIDADE NEOLIBERAL COMO INTENSIFICADORA DO TRABALHO E DO ADOECIMENTO**

Letícia Farias Caetano - FURG - Universidade Federal do Rio Grande

**MAL-ESTAR DOCENTE: A RACIONALIDADE NEOLIBERAL COMO INTENSIFICADORA DO TRABALHO E DO ADOECIMENTO**

**RESUMO:** O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa doutoral e visa problematizar as condições que possibilitam e intensificam a produção do mal-estar docente na contemporaneidade e como esse fenômeno encontra-se imbricado com a racionalidade neoliberal em voga. Ao trazer este recorte constrói a seguinte questão: como a racionalidade neoliberal e o empresariamento de si afetam os modos de vida docente a ponto de produzir o mal-estar? Para isso, analisa algumas reportagens que foram publicadas em *sites* e revistas que traziam a temática do adoecimento e do esgotamento docente em sua discussão. São relatos de ansiedade, estresse e depressão que evidenciam o mal-estar sentido e vivido pelos docentes no exercício da sua função. Busca-se elucidar através desses discursos a emergência do tema na atualidade e o quanto estes se proliferam e ecoam nas vozes de professores e professoras de todo o país, independente da área e do nível em que atuam. A partir do que é analisado entende-se que tais discursos não são produzidos por acaso, mas estão diretamente associados ao nosso modo de vida contemporâneo e imbricado em uma racionalidade neoliberal na qual vivemos e nos constituímos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Docência. Mal-estar. Neoliberalismo. Adoecimento.

O trabalho em questão traz como temática o mal-estar docente e visa problematizar o quanto esta condição vem sendo produzida e intensificada pela racionalidade neoliberal em que vivemos. Trata-se de um recorte de uma pesquisa de doutorado e para esse trabalho formula o seguinte questionamento: como a racionalidade neoliberal e o empresariamento de si afetam os modos de vida docente a ponto de produzir o mal-estar? Para isso, apresenta

alguns discursos contemporâneos que elucidam a sobrecarga extenuante em que vivem as professoras e professores do nosso país, especialmente aqueles que atuam no Ensino Fundamental. Tendo como aporte teórico algumas problematizações de Michel Foucault entende o neoliberalismo não apenas como uma teoria econômica, mas enquanto uma racionalidade contemporânea e, como tal, um importante mecanismo de governo que estrutura, organiza as condutas dos sujeitos, gerencia e produz modos de vida.

Foucault ao estudar sobre o neoliberalismo americano em seu curso Nascimento da Biopolítica explica que este foi princípio fundador de uma nação inteira. Nesse sentido, a partir das contribuições do filósofo, o neoliberalismo não é entendido como um sistema econômico apenas, mas “[...] toda uma maneira de ser e de pensar [...] uma grade de análise econômica e sociológica” (Foucault, 2008, p. 301). Por isso é tão importante que o espírito da racionalidade neoliberal esteja penetrado em todas as esferas da vida dos sujeitos.

O neoliberalismo produz sujeitos empreendedores, empresários de si mesmos, que precisam gerenciar suas vidas de acordo com a lógica do mercado. “O movimento de empresariamento do Estado e da alma humana faz-se acompanhar de uma ética e de uma linguagem baseadas no mercado e na performatividade, impondo novas categorias e termos para pensar o mundo, a sociedade e os indivíduos” (Garcia, Anadon, 2009, p. 66). Esse novo ethos performativo empreendedor e empresarial tem intensificado a vida laboral como um todo, e para os professores isso não é diferente.

Essas condições empreendedoras têm como um dos seus pilares a teoria do capital humano, fundada por Theodore Schultz na escola de Chicago. Foucault diz ser este um elemento fundamental para neoliberalismo americano, como um determinante do comportamento humano. Nesse sentido o modelo econômico passará a decifrar questões que estão para além da lógica de mercado, detendo-se em questões sociais e políticas.

A teoria do capital humano “[...] decompõe o trabalho em capital – ou seja, do ponto de vista do trabalhador, o salário não é o preço recebido pela venda de sua força de trabalho, mas uma renda que não é outra coisa senão o produto ou o rendimento de um capital [...]” (Resende, 2018, p. 86). Nessa esteira mercadológica, todas as habilidades e competências, sejam elas inatas ou adquiridas de um indivíduo, são revertidas pela lógica do capital em uma renda, instituindo processos de subjetivação e transformando os sujeitos em indivíduos-micro-empresa (Gadelha, 2013). É assim que os investimentos na formação humana se tornam imprescindíveis para a roda do mercado continuar girando.

O campo da atuação docente não passa ileso a produção desta racionalidade e é também capturado pela lógica do empresariamento de si associada à profissão docente. Discursos que evidenciam a capacitação profissional e o auto-investimento como fundamentais para se tornar um professor de excelência, ideal para o modelo de mercado contemporâneo, se fazem presentes no material analisado:



Fonte: [https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Revista-Nova-Escola-02-10-2010\\_fig1\\_312386937](https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Revista-Nova-Escola-02-10-2010_fig1_312386937).

Acesso em 01/08/2024

Na matéria publicada na revista o professor é convocado a assumir algumas demandas que o promove a um status de um profissional de qualidade. São elas: ter boa formação, usar as novas tecnologias, atualizar-se nas novas didáticas, trabalhar bem em equipe e ter atitudes e postura profissionais. Vê-se nessa publicação que o professor é seduzido a investir em si mesmo, a se capacitar, a fim de se tornar um bom profissional do futuro.

Tal incentivo não se dá por acaso, mas convoca os professores a assumirem uma postura empresarial. Nessa teia discursiva o docente é capturado e entende que precisa estar preparado para dar conta de todas as demandas que seu trabalho impõe e estar sempre disposto a aprender, por isso a formação continuada se torna indiscutível e mais do que isso, torna-se fundamental.

Esse modelo de profissional, que está sempre disposto a aprender, que doa grande parte de sua vida à sua carreira é o estilo ideal para a lógica empreendedora do nosso tempo. Esse tipo profissional não é exclusivo da docência, mas uma marca dessa sociedade. Hoje em dia as empresas não tratam seus funcionários como *trabalhadores*, mas como *colaboradores*; uma mudança de nomenclatura que diz muito sobre como se comporta e se constitui o sujeito empresário de si da lógica neoliberal. “Especialista em si mesmo, empregador de si mesmo, inventor de si mesmo, empreendedor de si mesmo: a racionalidade neoliberal impele o eu a

agir sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição.” (Dardot; Laval, 2016, p. 331).

O empresário de si mesmo é aquele sujeito que investe em sua vida e por toda a vida em sua carreira profissional, em seu capital humano, a fim de que se torne útil e produtivo ao mercado e a economia. “O empreendedor que aplica os conhecimentos tem um papel importante. Repousa sobre ele o sucesso da empresa e, generalizando, a prosperidade de um país” (Dardot; Laval, 2016, p. 151). Trata-se, portanto, de uma racionalidade política regulada pelo mercado e que age sobre os indivíduos, em suas condutas e em suas subjetividades. É assim que a racionalidade neoliberal vai capturando a alma dos sujeitos

Nesse sentido, o sujeito empreendedor é o sujeito que gerencia sua própria vida, sem a necessidade de uma ação externa que o impulsione e o anime, ou seja, é por sua vontade e por seu desejo que o sujeito mesmo obriga-se a ser cada vez melhor, “[...] Ele deve trabalhar para sua própria eficácia, para a intensificação de seu esforço, como se essa conduta viesse dele próprio, como se essa lhe fosse comandada de dentro por uma ordem imperiosa de seu próprio desejo, à qual ele não pode resistir” (Dardot, Laval, 2016, p. 327). Trata-se, portanto, não só de um agenciamento da conduta, da psique e da subjetividade humana, mas também e, sobretudo, de um empreendimento sobre a alma humana.

Além de se tornar um sujeito desejante de sua própria eficácia e produtividade, o sujeito empresário de si mesmo ou o sujeito neoliberal, coloca-se constantemente em disputa com o outro, dentro de uma lógica competitiva e concorrencial, própria do neoliberalismo. A concorrência é o que faz girar a engrenagem do neoliberalismo competitivo. “O homem neoliberal é o homem *competitivo*, inteiramente imerso na competição mundial” (Dardot; Laval, 2016, p. 322. Grifo dos autores). Ademais, Foucault chama-nos atenção para a condição de desigualdade que se instaura a partir da concorrência:

[...] a concorrência não deve seus efeitos senão à essência que ela detém que a caracteriza e a constitui [...] A concorrência possui uma lógica interna, tem sua estrutura própria. Seus efeitos só se produzem se essa lógica é respeitada. É, de certo modo, um jogo formal entre desigualdades (Foucault, 2008, p. 163).

É preciso, portanto, manter a desigualdade social para que a concorrência possa continuar funcionando. Nessa esteira neoliberal, precisam existir pessoas que não trabalham e outras que possuem empregos, que exista disparidade salarial; que uma política social deve deixar a desigualdade agir. “O jogo econômico, com seus efeitos de desigualdade, funciona como um regulador geral da sociedade, ao qual todos devem se submeter” (Marinho, 2022, p. 125).

O empresário de si acaba por se tornar inimigo de si mesmo, pois desenvolve sentimentos de culpabilização, de sofrimentos permanentes e de uma guerra constante consigo mesmo. A insatisfação e o fracasso pessoal, nesse sentido, podem ser entendidos enquanto uma patologia, já que o sujeito que não suporta a pressão da concorrência e é

percebido como um sujeito fraco, incapaz e, por que não, doente?

Podemos perceber tal entendimento a partir dos excertos que seguem:

*Experimente perguntar a um professor como anda a sua saúde – você provavelmente ouvirá queixas a respeito do **esgotamento físico e mental causado por uma rotina cada vez mais desgastante.***

*A professora Iêda Soares Pinto, que leciona no Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA no Distrito Federal, conta que começou a tomar remédios para controlar a ansiedade. “Trabalho em três escolas e raramente consigo fazer todas as refeições ou praticar atividades físicas. Além disso, **levo muito trabalho para casa e fico sem tempo para nada**”, relata.*

(NOVA ESCOLA 16/08/2018).

<https://novaescola.org.br/conteudo/12302/pesquisa-indica-que-66-dos-professores-ja-precisaram-se-afastar-devido-a-problemas-de-saude> . Acesso em: 01/08/2024.

*“Com esse número exaustivo de aulas, sem se alimentar direito, indo de uma escola para a outra, aquela correria toda a semana inteira. Chega num ponto em que você não aguenta mais.” (C. K. 60 anos, professora de Matemática da rede municipal de ensino em São Paulo). (Por que os nossos professores estão adoecendo?)*

Matéria publicada no site [estudio.r7.com](http://estudio.r7.com) em 14/10/2019).

<https://estudio.r7.com/por-que-nossos-professores-estao-adoecendo-15102019> . Acesso em 01/08/2024.

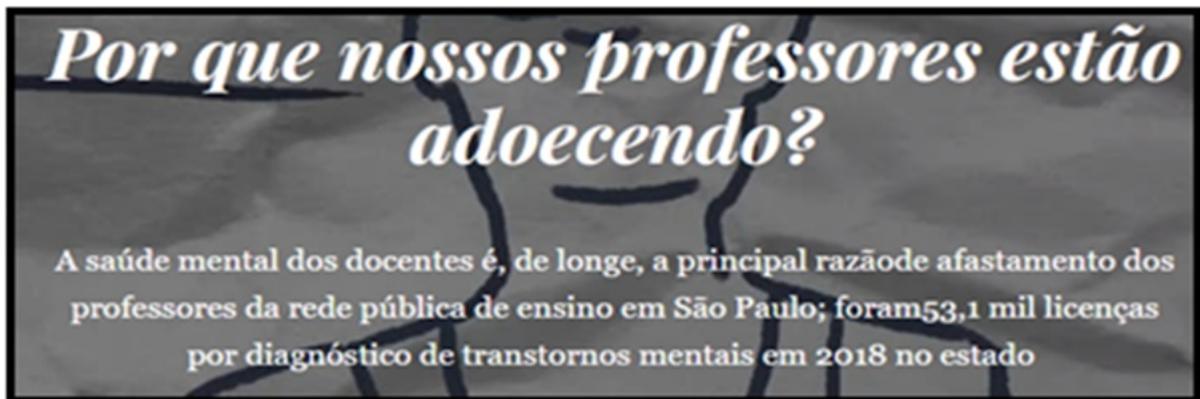
□

Os trechos discursivos apresentados acima e produzidos pela revista Nova Escola e pela matéria publicada no site [estudio.r7.com](http://estudio.r7.com) evidenciam o esgotamento docente, especialmente de professores que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio e que precisam dividir-se entre diferentes turmas e escolas, atendendo um número muito grande de alunos. Um trabalho que vem sendo cada vez mais atribulado de funções e sobrecargas que ultrapassam a profissão e que resultam no adoecimento.

Esteve (1999) traz importantes contribuições sobre o mal-estar docente e o compreende como um “[...] desolamento ou incômodo indefinível. [...] Quando usamos o termo “mal-estar” sabemos que algo não vai bem, mas não somos capazes de definir o que não funciona e por quê” (ibidem, p. 12). Em sua pesquisa o autor afirma que os problemas psicológicos, as crises de ansiedade e os processos de depressão são recorrentes nos professores e estão relacionados com as condições de trabalho.

Os relatos que foram apresentados anteriormente e tantos outros mostram que a profissão docente passa por um processo de adoecimento. São discursos que evidenciam a rotina extenuante que vive o professor. Tais discursos não são produzidos por acaso, mas se constroem dentro de uma racionalidade competitiva, veloz e igualmente extenuante, como se configura o modelo neoliberal. A seguir, outro excerto que evidencia o mal-estar e o

adoecimento docente:



F o n t e : <https://estudio.r7.com/por-que-nossos-professores-estao-adoecendo-15102019#r7studio-sponsored-by>

Acesso em: 01/08/2024.

Conclui-se, ao longo das discussões, que a racionalidade neoliberal leva a vida ao limite pela intensificação do trabalho, exigindo um esforço extenuante de cada sujeito sem que haja condições para suportar as demandas impostas. Essa articulação entre a intensificação e a auto intensificação do trabalho, acionada pela racionalidade neoliberal, vem produzindo um efeito de esgotamento, o sentimento de mal-estar e o aumento de doenças. Nesse sentido, o neoliberalismo é muito mais do que um modelo econômico, mas também uma engrenagem social que regula, orienta, gerencia e põe em funcionamento os modos de vida contemporâneos.

## REFERÊNCIAS:

DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESTEVE, José M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde do professor**. Bauru: EDUSC, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. Curso no Collège de France: 1978-1979. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GADELHA, Sylvio de Souza. **Biopolítica, governamentalidade e educação: introdução e conexões**, a partir de Michel Foucault. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

GARCIA, Maria Manuela Alves; ANADON, Simone Barreto. Reforma educacional, intensificação e autointensificação do trabalho docente. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 30, n.106, p. 63-85, jan./abr. 2009.

MARINHO, Cristiane Maria. **Processos de subjetivação, governamentalidade neoliberal e resistência**. Uma leitura a partir de Michel Foucault e Judith Butler. São Paulo: Intermeios, 2022.

RESENDE, Haroldo de. A educação por toda da vida como estratégia de biorregulação neoliberal. In: RESENDE, Haroldo de (Org.). Michel Foucault: **a arte neoliberal de governar e a educação**. São Paulo: Intermeios; Brasília: Capes/CNPq, 2018.